



Rio de Janeiro, 11 de maio de [1925].

Mário.

Acabo de ler a sua carta de 7. Antes de mais nada: enderece agora a correspondência diretamente pra mim: rua do Curvelo 51, Santa Teresa.

Essa história de modernismo está mesmo extremamente aporinhante; Sabe o meu sentir íntimo? É que o grupo precisa ser espatifado porque não há nele real espírito de camaradagem. Tudo o que você diz do Graça é justo. A coisa ainda é mais revoltante do que você pensa, pois aos olhos de muita gente o Graça é um ingênuo que está fazendo idealisticamente o jogo de meia dúzia de cabotinos!! Já ouvi dizer isso mais de uma vez. O único corretivo que vejo à situação criada pela atitude açambarcadora do Graça é em conversa e em artigos repor as coisas no lugar. Pra mim a *Estética* devia acabar. Aquilo nasceu mal, sob uma imposição que os rapazes não deviam ter aceitado. Sem querer influir na sua conduta, acho que você só deve ter intimidade de coração e inteligência com os seus bons amigos de São Paulo. Com os de fora, muita cautela. Quando eles vierem a você, dê-lhes do seu coração que é grande e dá pra todos. Mas nunca se ofereça a essa gente. O Ronald não sabe o que é amar, verbo intransitivo. O Graça então é horrível. Eu, por mim, vou

deixar de procurar toda essa gente porque é horrível sorrir pra homens que a gente não estima. Aliás tanto o Graça como o Ronald devem ter sentido a desconfiança com que por um momento eu me aproximei deles. E me arrependo. Mas eles faziam tanta festa, tanta sedução que eu fraqueei. Eu não dou pra essas relações literárias. Só sei admirar de todo o coração. E eu chamo admirar de todo o coração, poder gostar e falar franco, como faço com o Ribeiro Couto e com você. Gostar é não pensar em si, botar os outros pra frente, – o contrário do que eles fazem.

[...]